

RESENHA  
**Feminismo para os 99%:  
um manifesto**

**Isabela Mercuri<sup>1</sup>**  
Universidade Federal de Mato Grosso



ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

MERCURI, Isabela Alves. **Feminismo para os 99%: um manifesto (Resenha)**  
*Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 7 (15): 397-400, setembro a dezembro de 2020. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFMT e pela Kwantlen Polytechnic University (Canadá). Mestranda em Antropologia Social da UFMT.

Escrito por três autoras estadunidenses e com prefácios e comentários de duas deputadas federais brasileiras, *Feminismo para os 99%*, de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, como diz o próprio subtítulo, é um manifesto político. Inspirado inegavelmente no formato do “Manifesto do Partido Comunista” (MARX e ENGELS, 1848) – apesar de também trazer críticas ao mesmo – o livro critica o neoliberalismo e, especificamente, o feminismo liberal que se popularizou nos últimos anos, ao qual apelida de “feminismo do 1%”. Colocando-se na ponta oposta a ele, o “feminismo dos 99%” seria aquele que enxerga e abarca a pluralidade de todas as mulheres, sem optar por apenas algumas para alcançarem ‘o topo’ enquanto oprimem as que continuam nas camadas de baixo.

A edição brasileira da obra começa com um prefácio de Talíria Petrone, deputada federal pelo PSOL do Rio de Janeiro e professora de história. Petrone contextualiza a urgência deste feminismo anticapitalista na América Latina e, especificamente, no Brasil, trazendo a referência de Carolina de Jesus e histórias como de Luana, mulher negra e lésbica que foi morta ao se recusar a ser revistada por policiais homens em São Paulo. A deputada enfatiza a realidade de mulheres trabalhadoras domésticas, negras, indígenas e LGBTQs no Brasil e contextualiza o contexto de avanço do reacionarismo no mundo, dando como exemplo o governo de Jair Bolsonaro. Já apresentando o conceito de um feminismo anticapitalista, ecossocialista, antirracista e internacionalista, ela também termina o prefácio homenageando Marielle Franco, quem acredita que seria parte deste documento, se não tivesse sido assassinada em 2018. A orelha desta edição é assinada pela também deputada federal Joênia Wapichana, indígena pertencente ao povo Wapichana e da comunidade de Truarú.

O manifesto começa com um capítulo que conta sobre o nascimento desta ‘vertente’ do *Feminismo para os 99%*. Segundo as autoras, ele surgiu de uma encruzilhada entre o feminismo liberal, que é ilustrado na figura da diretora de operações do Facebook, Sheryl Sandberg, e a visão da *huelga feminista*, grupo combativo grevista que parou a Espanha em 2018. A resposta, para elas, é de que não há caminho do meio, e este livro seria um guia de como seguir o segundo caminho, radicalmente contra e oposto ao feminismo (neo)liberal. Das três autoras, inclusive, duas foram organizadoras da Greve Internacional de Mulheres dos Estados Unidos, e uma, Nancy Fraser, foi uma das principais apoiadoras da greve e criadora do termo “Feminismo para os 99%”. Caso ainda não tenha ficado claro, “99%” faz referência contrária à parcela 1% mais rica da população mundial.

Partindo deste caminho escolhido na encruzilhada, as autoras apresentam onze teses. Em cada uma delas, são trazidos argumentos contra pontos específicos do capitalismo e as ações defendidas por este novo feminismo combativo para que haja mudanças. A primeira tese expõe o nascimento da nova onda feminista que reinventa e se apropria da greve. Neste capítulo, são apresentados desde os movimentos da Polônia em 2016 até a greve internacional de mulheres no 8 de março de 2018. Estas organizações, para as autoras, provam que há um embrião

de uma nova fase da luta de classes, que não só inclui, como é liderado por mulheres de todo o mundo.

A segunda tese dedica-se a argumentar sobre a necessidade do fim do feminismo liberal que, segundo as autoras, não busca a igualdade, mas sim a meritocracia e a terceirização da opressão. Este feminismo, segundo elas, serve basicamente ao mercado fantasiando-se de igualdade enquanto eleva algumas mulheres (brancas, heterossexuais, ocidentais) em detrimento de outras (negras, indígenas, LGBTQIs, orientais).

A terceira tese apresenta os porquês da necessidade de o feminismo ser anti-capitalista, com o argumento de que a raiz das opressões feministas está também no capital. Desta forma, o *Feminismo para os 99%* deve abarcar também a luta de classes e a luta antirracista. A discussão continua na tese número quatro, que coloca o capitalismo não somente como causa da crise da sociedade, mas argumenta que ele, por ser insustentável, tem em sua base estas crises. As feministas, segundo as autoras, devem estar na dianteira do levante contra toda forma de exploração.

A tese cinco traz a discussão de um dos pontos cruciais do manifesto, que voltará também no posfácio: a reprodução social, ou a “produção de pessoas”. O debate, aqui, é a respeito de como o capitalismo diminui a importância deste trabalho de produzir pessoas (geralmente atribuído às mulheres-mães) enquanto, ao mesmo tempo, se aproveita dele, e como isso está relacionado à dominação nesta sociedade. Segundo as autoras, essa visão expande a ideia marxista de luta de classes, já que a atribui a outros terrenos que não somente os sindicatos e associações de trabalhadores assalariados.

A sexta tese discute a violência de gênero e como ela também é resultado das relações capitalistas estando, assim como as crises, enraizada neste sistema econômico e político. O capítulo também discute o encarceramento em massa (principalmente de negros e pobres), que geralmente é apresentado como resposta a esta violência e que, segundo as autoras, deve ser questionado.

A tese número sete fala sobre liberdade sexual e como este assunto está no meio de uma disputa de narrativas entre reacionarismo sexual e o do liberalismo sexual. Para as autoras, no entanto, a resposta do “liberalismo sexual” tem sido, assim como o feminismo liberal, apenas mais uma forma de vender e lucrar, enquanto LGBTQTs, por exemplo, continuam sendo agredidos. Aqui, mais uma vez, a fonte de perigo apresentada é o capital, que não modifica as estruturas opressoras, apenas as atenua para que sejam mais palatáveis e para que lucrem com as aparentes mudanças.

A oitava tese versa sobre a necessidade de o feminismo ser antirracista e anti-imperialista. As autoras apresentam aqui contradições e atitudes racistas de feministas brancas (inclusive as sufragistas), e mostram a necessidade de haver a intersecção das lutas para que não sejam somente algumas das mulheres as beneficiadas pelo feminismo, como já aconteceu diversas vezes – e acontece atualmente por meio do feminismo liberal. Mais uma vez, a base destas opressões é apresentada pelas autoras como o capital.

A perspectiva do feminismo ecossocialista é trazida na tese de número nove, em que o capitalismo é apresentado como o mesmo que desestabiliza as condições ecológicas e que mais precisa delas. Mais uma vez, é mostrado como as mulheres são as que mais sofrem as consequências dos estragos ecológicos causados pelo capitalismo. Complementarmente, a décima tese apresenta o internacionalismo feminista como única saída, argumentando que o capitalismo é, ainda, naturalmente antidemocrático e com tendências a produzir crises políticas. Além

disso, é mostrado como as mulheres também são as principais vítimas das guerras e conflitos que surgem destas crises.

A última tese intima a uma união do feminismo dos 99% aos movimentos sociais radicais anticapitalistas, antirracistas, anti-imperialistas, ambientalistas e LGBTQ+ como forma de rejeitar o populismo reacionário e o neoliberalismo progressista. Além disso, argumenta sobre a necessidade de entender as diferenças entre os oprimidos das sociedades capitalistas, além de expandir o que se entende por classe trabalhadora.

Por fim, o posfácio traz uma discussão a respeito deste manifesto em contraste com o de Marx e Engels e conceitualiza mais uma vez o capitalismo e sua propensão às crises, principalmente a contradição política, econômica e social acerca da reprodução social, este conjunto de atividades necessárias para se criar um ser humano que não é visto como trabalho, mas exigido (principalmente das mulheres) enquanto resultado.

A obra entrega o que se propõe ao apresentar-se enquanto manifesto de um feminismo marxista e socialista, sem detalhar o passo a passo dos próximos caminhos concretos a serem seguidos. No entanto, isso é justificado pelas próprias autoras, que argumentam que o *modus operandi* é construído no dia a dia da luta. Lançado em 2019, pela editora Boitempo, o livro não teve a oportunidade de versar sobre a atual crise do coronavírus que, com certeza, ilustraria muito bem todas as teses apresentadas. A discussão, no entanto, pode ser feita pelos leitores a partir do terreno fértil de ideias levantadas por Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser.

*Recebido em 29 de agosto de 2020.  
Aprovado em 13 de dezembro de 2020.*

## Referência

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista* (1848). Porto Alegre: L&PM, 2009.